

Formando uma escuta analítica¹

Mariangela Carvalho Canellas Silva,² São Paulo

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo demonstrar, por meio de uma ilustração clínica, a importância do desenvolvimento da escuta analítica, parte mais importante na formação de um analista, que possibilita a construção do pensamento clínico. É a ausência de escuta afinada que impede o ouvir receptivo do inconsciente. Por vezes, quando essa escuta encontra-se suspensa, pode levar a rupturas do processo de análise. Não basta ao analista ser continente sem discernir o que o paciente lhe informa, do que ele é refém, o que está sendo transferido e posto em movimento na cena analítica. Ou seja, na complexidade desse caminho, é fundamental a sensibilidade de reconhecer os lugares que lhe são investidos pelo paciente para que a transferência possa ser trabalhada. Ainda assim, o funcionamento da análise também vai depender dos recursos de que o analisando dispõe diante das interpretações do analista. A formação em psicanálise é a formação de uma escuta que se realiza por meio da propagação da teoria no curso da análise pessoal do analista, seu trabalho de analisar e no auxílio superveniente.

Palavras-chave: escuta analítica, transferência, atuação

Dentro ou fora de mim, todos os dias acontece algo que me surpreende,
algo que me comove, desde a possibilidade do impossível a todos os
sonhos e ilusões. É essa a matéria da minha escrita e por isso me sinto
tão bem a escrever aquilo que sinto.
José Saramago

O tropeço

É do conhecimento de todos aqueles que praticam a psicanálise que na situação analítica o inconsciente expressa-se por meio de atuações, regressões, provocações, discordâncias, agressões verbais, competições, entre tantas outras manifestações que gestam significação. Essas situações são postas em cena na relação com o analista, e este deve estar bastante experimentado para lidar com isso. É no alcance dessa experiência que o candidato a psicanalista caminha, algumas vezes, entre tropeços e impasses causados por razões de diversas ordens.

1 Prêmio científico da Associação dos Membros Filiados, AMF.

2 Membro filiado do Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.

Um aspecto essencial ao psicanalista, porque o diferencia de qualquer outra forma de psicoterapia, é a sua escuta. Nessa curiosa atmosfera de irrealidade criada no exercício da psicanálise, em que muitas vezes o analista se vê envolvido em variadas emoções, afinar a escuta é determinante para que o membro filiado tenha êxito em deslocar-se do plano prático para o plano psíquico, o que lhe possibilitará maior sensibilidade diante das manifestações do inconsciente e dos possíveis impasses transferenciais, mesmo que, em alguns casos, *a posteriori*.

Identificar a transferência é fundamental para o pensamento clínico, porém, nem sempre isso é alcançado sem dificuldade, principalmente, devido à incapacidade do analista de desprender-se da lógica discursiva, o que o impede de escutar o que está sendo (re)vivido na análise com sua pessoa, situações que estão aquém das recordações e verbalizações – a vivência traumática.

A título de ilustração, passo a dividir com você, leitor, algumas sequências da análise de Jorge, um jovem (26 anos) arquiteto que me procurou por estar com receio de que o uso de drogas e bebidas alcoólicas, ocorrido num período de sua adolescência, pudesse reincidir. As primeiras entrevistas foram permeadas por esse assunto que me dava a ideia do medo de um prazer desenfreado.

Contou que na época de faculdade dividiu as dependências e despesas de uma casa com outro estudante, mas teve muitos problemas, pois o rapaz o desrespeitava, o agredia verbalmente. Disse que era “uma situação difícil de contornar”.³ Numa ocasião, em que caminhava sozinho pela rua, foi insultado e quase apanhou da turma do outro, mas conseguiu correr e escapar. No entanto, no dia seguinte, seu carro amanheceu todo riscado, e julgou que o dano foi represália por parte do amigo, que não gostava dele. Decidiu mudar de imóvel e morar com um jovem que conheceu por intermédio de amigos. Segundo ele, com esse novo amigo foi diferente, era uma “relação muito agradável”, que o fez até mudar de ideia quanto a criar gatos, já que o amigo tinha vários e conseguiu convencê-lo disso. Dois anos depois, Jorge graduou-se, iniciou uma especialização e, em seguida, um estágio fora do país. Relatou que, no país em que foi morar, certa vez, numa festa, implicaram com sua roupa, “tiraram sarro”, porque achavam que ele se vestia de maneira diferente, “muito arrumadinho”.

Seu discurso era permeado por referências a situações de discriminação e abuso. Ora era a síndica do prédio que, sem autorização, desfazia-se de seus objetos guardados na garagem. Ora era o relato de um assalto em que ficou refém de uma arma apontada para a sua cabeça, em que lhe roubaram pertences de valor. Ou então, que negaram sua oferta de doação num banco de sangue no exterior “exclusivamente por ser estrangeiro”. Acompanhando seu estado afetivo, disse a ele que percebia sua indignação por sentir-se impotente diante da agressividade dos outros. Ele concordou e associou tal situação à figura do pai.

Jorge tinha um relacionamento conturbado com o pai, os desentendimentos eram repetidamente difíceis. Contou, com irritação, que quando foi

3 Salvo quando for indicado diferentemente, as falas entre aspas são de Jorge.

assaltado ligou para os pais comunicando o episódio, e que o pai repreendeu-o dizendo que ele tinha de ser mais atento aos lugares que frequentava, chamando-o de “sem noção de merda!”. Por razões como essa, disse que a visita aos pais, que moravam em outro estado, era cronometrada, visto que ele e o pai tinham um limite de tempo juntos, impreterivelmente dois dias.

No decorrer de sua análise dizia preocupar-se muito com o atual amigo com quem dividia as despesas da nova casa, pois ele era homossexual, não queria assumir e sofria em demasia com esse fato. Nas observações de Jorge, seu amigo nem sequer pensava na possibilidade de reconhecer a orientação sexual por “tudo de mau dessa condição”, tinha aversão aos *gays* e tudo o que se relacionasse a esse assunto. Falava com indignação e revolta por ter muita pena do amigo, que, conseqüentemente, se recusava a ter vida social.

Fui acompanhando nos seus relatos o pavor em assumir a homossexualidade. E, empatizando com esse aspecto tão temido, tentei acompanhar seus conflitos pela história do amigo, dizendo, por exemplo:

A – Seu amigo acha que os *gays* são pessoas desprezíveis?

J – Não, acho que ele tem medo da sociedade.

A – Do que será que ele tem medo?

J – Não sei, não entendo esse meu amigo, ele tem ódio de homossexual e nem gosta de conversar sobre esse assunto. Ele não sai, vive recluso, eu o convido para sair, mas ele não aceita de jeito nenhum... fico preocupado com ele, porque isso não é vida.

Certa vez, disse que estava saindo com uma moça de rígida formação religiosa, que, por essa razão, não permitia nenhum tipo de intimidade sexual. Relatos de convívio com mulheres eram sempre de tonalidade insípida e monótona, que me faziam pensar no seu sacrifício para manter as aparências. Eu permanecia mais ouvinte, com o intuito de dar possibilidade à sua fala de ir se desdobrando.

Jorge mostrava um grande apreço por viagens, praticava esportes, e sua atividade predileta era percorrer trilhas. Frequentemente, relatava esses assuntos com grande entusiasmo, descrevia todos os detalhes das programações em férias e feriados. Nos finais de semana, era habitual fazer trilhas e, muitas vezes, em lugares que se caracterizavam por espaços estreitos, “só para uma pessoa”. Dizia que na bagagem levava o estritamente necessário para sobreviver, não podia carregar peso, pois isso dificultaria a caminhada; em algumas ocasiões acampava em topos de pedras onde era limitado o número de pessoas. Independentemente, porém, da modalidade que decidia praticar e do tempo que despenderia, ia sempre sozinho. Eu lhe disse que percebia a predileção em não ter companhia nessas jornadas, e ele respondeu que não se importava com isso, até preferia. Durante essas trajetórias, conhecia pessoas com as quais compartilhava experiências e, por vezes, dividia mantimentos, mas as amizades restringiam-se àqueles momentos fugazes.

As sessões transcorriam como um navio em maré mansa. Sentia que o *setting* estava instituído e que Jorge estava integrado na análise.

Certa vez, ao iniciar a sessão disse que estava muito preocupado porque tinha um trabalho importante, para ser entregue no dia seguinte, que precisava terminar. Em seguida, começou a falar sobre outro assunto, mas depois de 10 minutos parou, levantou e disse: “Não vai dar, não consigo me concentrar, o trabalho não sai da minha cabeça, tenho que ir embora para concluir isso, porque o prazo de entrega é amanhã, me desculpa”. Respondi que ele podia ficar à vontade e fizesse como se sentisse melhor, pois percebia que estava muito angustiado.

Jorge era participativo e expressava-se bem, porém, algo me chamava a atenção em meio a sua narrativa. Todas as vezes que terminava um assunto, parava por alguns segundos antes de iniciar outro e dizia: “hum, o que mais?!” Parecia uma repetição automática, um cacoete de linguagem, aparentemente sem importância, que estava ali na frase.

Sua dificuldade de me encarar era notadamente marcante, e, quando o fazia, ao entrar e sair das sessões, rapidamente desviava o olhar.

Era inusitado termos duas sessões numa semana, já que ele havia se recusado a isso no contrato, mas ofereci um horário adicional como reposição a uma sessão em que me avisou a falta com antecedência. E, assim, Jorge compareceu iniciando o relato com um assunto que fugia dos padrões costumeiros.

J – Estou de ressaca (risos), ontem abusei da comida. O amigo que mora comigo fez um jantar, estava muito bom, tomamos vinho, e acabei abusando um pouco da quantidade de comida e do álcool, não costumo comer muito à noite e principalmente com vinho! (risos) Ainda estou me sentindo meio empanzinado, acho que também porque fomos dormir tarde, mas foi agradável, ficamos batendo papo, e a comida estava muito boa, meu amigo cozinha bem... há tempos que não fazia isso, porque só trabalho.

Descreveu os pormenores do acontecimento deixando transparecer um estado de viva satisfação.

Em seguida, relatou sobre uma nova trilha que havia escolhido percorrer naquele final de semana, estava bem animado em conhecer o tal lugar. Detalhou os apetrechos que levaria na viagem, o tempo gasto etc. Fiquei ouvindo todo o seu relato e, quase no final do horário, lhe disse:

A – Em outras palavras, você está dizendo que às vezes é bom ser mais flexível e se divertir em boa companhia, é um caminho mais aprazível para seguir... parece que novas possibilidades estão despontando.

Ele não respondeu nada, e apontei o final do horário. Essa era nossa última sessão antes de minhas férias, como previamente combinado. E me despedi dizendo:

A – Até a volta!

Ele, ao levantar-se do divã, parou e disse:

J – Eu vou dar um tempo, como faço com o pagamento, pago até hoje ou o mês inteiro?

Fiquei atônita com aquela declaração, pois não havia percebido nenhum sinal e nem imaginava que ele estivesse com essa intenção. E falei:

A – Vamos deixar para conversar sobre isso no meu retorno? Pode ser? E ele concordou.

Por sorte, esse atendimento foi feito no meu último horário do dia, pois fiquei perplexa e com uma grande interrogação, já que em nenhum momento ele manifestou tal propósito.

Passados os quinze dias de férias, ele compareceu no seu horário habitual e, ao iniciar seus relatos como rotineiramente fazia, o interrompi:

A – Jorge, na nossa última sessão, você disse que queria dar um tempo, e eu fiquei um tanto surpresa, por isso pedi que conversássemos no meu retorno. Fiquei pensando na sua decisão... você já estava com essa intenção, ou foi algo do momento?

J – Não foi minha intenção atrapalhar as suas férias (risos)... mas eu já tinha me programado a ficar esse tempo de um ano e quatro meses.

A – Você estava contando?!... para mim estava fluindo...

J – Não, não estava contando, foi agora que fiz a conta (risos)... é que eu quero comprar um apartamento, quero morar sozinho, prefiro, e vou destinar o valor das sessões para complementar... Mas não foi nada do momento e nada com você, estou gostando muito de vir aqui e pretendo voltar, vou dar um tempo...

Em seguida ele começou a falar das ocorrências do dia etc. Fiquei ouvindo sem mais interceder, até quando ele disse:

J – Sabe, penso muito para namorar... porque quando minha namorada vai em casa fica querendo arrumar o meu quarto, e eu não quero. Sei que ela está de boa vontade querendo ajudar mudando as coisas de lugar, mas eu não quero que mude nada, porque está do meu jeito, e é assim que quero que fique!... precisei até ser meio... do tipo, falar sério com ela!

A – Como talvez sinta que estar aqui gere mudanças em você...

J – Não, não acho que você queira me mudar, até porque, se eu tivesse sentido isso, não teria ficado esse tempo todo. O que quero dizer é o tempo de namoro, quando se está junto há um tempo, a intimidade faz com que isso aconteça.

A – Estou me lembrando das trilhas que faz sempre sozinho, e para quem gosta de trilhas solitárias talvez a situação de análise seja sentida como gente demais por perto... a intimidade que vai se desenvolvendo, e esse tempo aqui juntos foi o suficiente para você... Isso te remete a algo?

J – Lembrei do meu pai, como te falei, o meu tempo ao lado dele é cronometrado, inclusive fui estudar longe de minha cidade para sair de casa, do convívio que não é fácil, temos opiniões diferentes, e sempre sai discussão, porque

ele acha que a dele é que tem de prevalecer. Meu irmão também fez a mesma coisa, só não sei se foi proposital, como no meu caso.

Interpretei que parecia viver a análise como uma situação invasiva, talvez mesmo abusiva, equivalente às suas outras relações, demonstrado, por exemplo, na decisão de morar sozinho, que no caso seria para se isolar. Entendia, porém, que naquele momento era necessário para ele interromper, já que aquele era o tempo dele, e eu respeitava *deixando o quarto do seu jeito*.

E assim Jorge encerrou sua análise...

A escuta analítica

Creio que toda análise interrompida abruptamente provoque algum tipo de questionamento ao analista. O singular da situação é, porém, o modo com que cada um se ocupa disso. Daí a importância que o analista em formação esteja em permanente busca de recursos, como supervisão e análise pessoal, para ir reencontrando na sua própria fala e na do interlocutor aquilo que envolve a escuta.⁴

A interrupção da análise de Jorge me trouxe vários questionamentos. Interroguei-me sobre o que passou despercebido, o que ele atuava com essa brusca interrupção, quais os sinais que não captei na contratransferência, o que não escutei. E, conversando com um colega muito mais experiente, o qual chamamos de supervisor, pude perceber o lugar transferencial⁵ em que me encontrava, nele Jorge garantindo a repetição da antiga relação objetal. A partir disso, com mais clareza, pude intervir melhor na última sessão, embora tarde para aquele trabalho.

4 Marion Minerbo (2014), num texto fluido e profundo de informações, faz entender que a escuta analítica, em que a teoria está contida, precisa ser formada como também aperfeiçoada constantemente. Pois o paciente apresenta-se por meio de uma multiplicidade de identificações dotadas de singularidade que precisamos ser capazes de reconhecer em seu discurso. “Às vezes quem está falando com o analista é um aspecto da criança-no-adulto. Outras vezes, quem fala pela boca do paciente é um aspecto da figura parental, com o qual o paciente está identificado” (p. 217). O termo criança-no-adulto é sinônimo de “o infantil” – diferentemente da concepção de infância, esse conceito procede da elaboração metapsicológica de Freud (1915/1974b), em “O inconsciente e a consciência – realidade”, que diz respeito à realidade psíquica. Em outro texto, Minerbo (2013) explica que “a criança-no-adulto é uma espécie de cicatriz viva da personalidade, testemunho do trauma e das defesas que tivemos que usar ao longo de nosso desenvolvimento psíquico” (p. 172).

5 Muitas vezes o analista não se dá conta do papel em que está se convertendo na cena com o paciente, e, referindo-se a esse aspecto, Robert Capier, citado por Minerbo (2012), afirma: “Embora ninguém esteja em melhor situação para entender um paciente do que o analista que está no consultório com ele (o que é óbvio), não é menos verdade (embora talvez menos óbvio e bastante paradoxal) que ninguém está, também, em pior situação” (p. 162).

Em resposta às minhas indagações, constatei que, ao distanciar-se das pessoas, Jorge defendia-se de um objeto interno atemorizante. A situação de ter sofrido um assalto, na qual, com uma arma apontada para sua cabeça, não podia reagir, evoca elementos do trauma precoce,⁶ de uma figura parental violenta e *assaltante*. Dessa forma, é compreensível que tentasse resolver a vida sem depender de ninguém, procurando ser o único habitante de uma ilha. E, provavelmente, eu tenha sido um habitante nessa ilha que num momento fui sentida como assaltante de sua intimidade. Esse aspecto ficou claro quando comunicou a interrupção da análise no instante após eu ter mencionado seu prazer na companhia do amigo, *homossexual/homofóbico*, e dos novos caminhos que estavam despontando. Possivelmente, nesse momento, fui concebida como alguém que invade a clausura de sua sexualidade e, portanto, precisei ser afastada.

O referido cacoete de linguagem – “hum, o que mais?!” – trouxe a ideia de que Jorge estava em um diálogo interno constante com um objeto muito demandante, sempre insatisfeito e rigoroso, que transferencialmente me deixava no lugar de quem, continuamente, exigia que ele falasse o tempo todo. Não só falasse como também comparecesse às sessões, evidenciado no dia em que permaneceu por 10 minutos e precisou ir embora, já que não conseguia falar, angustiado pelo compromisso de trabalho. E, por mais que eu tivesse dito para que ficasse à vontade com sua decisão, isso não impediu que ele me transformasse numa pessoa severa e intransigente como seu objeto interno. Dessa forma, era compreensível que ele não pudesse me olhar de frente, pois seria impossível sentir-se à vontade diante dessa figura em que ele me transformou. A imagem do pai opressor, que queria mudar o seu modo de vida, também apareceu projetada na namorada/analista que queria arrumar/modificar o seu quarto/sua vida.

Jorge organizou-se contra as pessoas porque elas eram vividas como violentas – referência ao pai, com quem tinha muitos embates e o adjetivou de *sem noção de merda*. Sendo assim, percebi que o contato humano para Jorge tinha de ser em doses homeopáticas, o que explicava o fato de, no contrato, não ter aceitado maior frequência nas sessões, ele não aguentaria. Como não aguentou, pois aquela semana tinha sido a primeira vez com duas sessões próximas, foi muito tempo junto para ele. Além disso, fui eu quem ofereceu a reposição, e talvez ele tenha aceitado como quem obedece a uma ordem.

Mais tarde, refletindo sobre minha perplexidade diante da interrupção de Jorge, recordei-me da perplexidade em que Freud se encontrou quando Dora⁷ abandonou a análise. O que destaco dessa recordação é que, muitas vezes, só após uma atuação, um dizer pré-verbal que inviabiliza a análise, é que o analista

6 O trauma precoce não simbolizado, segundo Minerbo (2013), deixa marcas psíquicas e definem sua história emocional, que determina a forma com que o sujeito interpreta o mundo que o cerca.

7 Freud (1901-1905/1974b) admitiu que não havia conseguido perceber a transferência dizendo: “não me foi possível dominar a transferência a tempo... descuidei-me da precaução de procurar os primeiros sinais de transferência”. E, mais adiante, continua: “Assim, ela *atuou* uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento” (pp. 115-116).

percebe o seu lugar na transferência. Situações como essas, que obstaculizam uma análise, são chamadas de patologias do processo.⁸

No entanto, não posso afirmar que Jorge permaneceria em análise se a transferência fosse trabalhada a tempo. Mas a dificuldade de minha escuta afastar-se da superfície das palavras, de perceber o que estava suspenso e invisível entre elas, foi um aspecto fundamental compreendido por meio da supervisão. Foi essa prática que me possibilitou pensar na importância de relatos aparentemente sem relevância como, por exemplo, sobre as trilhas solitárias, que eu não conseguia escutar analiticamente. A atenção à demanda do material periférico ajuda a entender o conflito.

Considerações finais

Em minha disposição analítica,⁹ tentava ser continente com a dor e a dificuldade de Jorge. Ainda assim, porém, minha escuta¹⁰ não captou o pavor que ele tinha do vínculo com o objeto, que tornava presente através do material em que relatava as várias formas de violência – abuso e preconceito – e sua predileção por trilhas solitárias. Nesse contexto, eu não era apenas uma analista continente, era também o suporte transferencial de um objeto ameaçador. Centrada naquilo que eu tentava fazer conscientemente, escapou-me a possibilidade de que a análise pudesse estar sendo a cena da repetição de aspectos traumáticos não simbolizados.

Contratransferencialmente, sentia-me afetada e interpelada por percebê-lo prisioneiro da angústia de um eu que não estava dando conta de administrar demandas pulsionais superegoicas postas nos objetos a sua volta. Além disso, Jorge tinha dois conflitos difíceis de sustentar – compreendidos na homofobia e na homossexualidade. Diante da percepção de sua angústia, eu me perguntava

- 8 Etchegoyen (2004) chama de patologia do processo aquilo que impede o indivíduo do *insight*, e dentro dessa classificação encontra-se o *acting out*. Explica que *acting out* e transferência são conceitos que aparecem juntos na obra freudiana, porém, ora estão justapostos, ora discriminados um do outro, mas é certo que ambos derivam da compulsão à repetição. Entende que, no caso Dora, há uma distinção entre transferência e *acting out*, pois “uma coisa é a transferência de Dora, que Freud não interpretou a tempo... e outra é a solução que Dora encontra via *acting out*”. Para o autor, a transferência é mais abrangente e comunica, o indivíduo repete para recordar. Declara que esse conceito compreende tudo o que, motivado pela compulsão à repetição, o analisando pensa, diz ou faz, contudo, não nega que o *acting out* se insira nesse contexto. Mas o que se repete no *acting out*, afirma, é uma intenção obviamente inconsciente – de ignorar o objeto, de se afastar dele, tornando, muitas vezes, a tarefa da análise impossível (p. 391).
- 9 Para Robert Caper (2002), a função real do analista “é ajudar o paciente a integrar partes de sua personalidade que foram reprimidas ou cindidas” (p. 44).
- 10 Fabio Herrmann (2003) afirma que, expandindo a escuta, o analista deve avançar testando “sentidos ainda não patentes, pondo-se no lugar do interlocutor inconsciente, suprimido do diálogo terapêutico, usando sua imaginação para recriar as formas de ser do desejo que procura investigar” (p. 92).

como poderia ajudá-lo, se ao mesmo tempo tinha a sensação de que havia uma cerca elétrica em volta dele impedindo aproximação. Por essa razão, como já citado, acompanhava esse aspecto através da história do amigo. No entanto, quando minha fala encostou-se à cerca elétrica, deu-se o curto-circuito, pois, por mais que eu tivesse tomado cuidado, porque sabia disso, a cerca tinha muito mais volts do que eu imaginava. Ou seja, quando tentei aproximá-lo dessa questão, na interpretação do jantar com o amigo, a intensidade afetiva, que estava recalcada, foi descarregada na ação de romper com a análise, como uma defesa psíquica.

E isso é uma grande questão: o que fazer quando percebemos a grande resistência do paciente? Deixar quieto? Ou, como diz a expressão popular, comer pelas beiradas?

Embora, em maior ou menor grau, as atuações ocorram em todas as análises e de diversas formas – às vezes com questões relacionadas ao pagamento, aos horários, às faltas, entre outros inúmeros exemplos –, creio que o desfecho de cada situação vai depender dos recursos do paciente em face das interpretações do analista.

O paciente procura no analista alguém que o ajude, primeiro, a fazer contato e, depois, dar um sentido à sua angústia. Para que isso ocorra, o analista deve ter a sensibilidade de reconhecer todos os lugares que lhe possam ser investidos. Pois, se, diante da singularidade de cada movimento que será convocado a acompanhar, essa sensibilidade estiver ausente na escuta analítica, por certo, insucessos poderão ocorrer. E, apesar da ferida narcísica que essas situações suscitam, é importante que o analista mantenha-se em seu lugar. Aqui reside a importância da análise pessoal do candidato e da prática supervisiva, em que as reflexões são ativadas.

É fundamental, porém, ao membro filiado que sua análise não se limite a cumprir os anos exigidos pela instituição, o que, dessa forma, a meu ver, afigura-se como uma transação burocrática. É imprescindível deixar-se levar num tempo fluido para que possa desenvolver e mobilizar recursos que lhe darão suporte para, entre tantas outras coisas, discernir sobre o que o paciente informa. A parte determinante na formação de um analista é o desenvolvimento de sua escuta, é necessário apurá-la para um ouvir receptivo do inconsciente.

A capacidade dessa escuta desenvolve-se por meio do tripé analítico. A teoria difunde-se na experiência de o candidato ser analisado e de analisar, como também através do auxílio supervisivo. E dessa combinação surgem o pensamento e a escuta analíticas, ferramentas cruciais na complexidade e surpresas de nosso caminho.

As palavras de Jorge “vou dar um tempo” me fazem pensar que talvez seja o tempo de se recompor... e com outro analista recomençar com o que dessa análise possa ser retomado, evocando novas associações que caminhem no sentido de uma elaboração psíquica.

Se este trabalho tiver algum mérito, será enquanto ajude o colega, analista em formação, a estar atento à tonalidade do material clínico enquanto expressão do inconsciente, e à atualização, por vezes invisível, da transferência negativa, herança do trauma precoce, com o analista.

De certa forma, todos repetimos a trajetória de Freud com Dora!

El desarrollo de la escucha analítica

Resumen: En este trabajo se pretende demostrar a través de una ilustración clínica la importancia del desarrollo de la escucha analítica, que es lo más importante en la formación de un analista, pues permite la construcción del pensamiento clínico. La ausencia de un oído fino impide escuchar receptivamente el inconsciente. A veces, cuando se suspende esta escucha, pueden darse rupturas en proceso analítico. No es suficiente que el analista sea continente sin discernir lo que el paciente le está informando sobre aquello de lo cual es rehén, lo que está siendo transferido y puesto en movimiento en la escena analítica. Es fundamental la sensibilidad para reconocer los lugares investidos por el paciente para que la transferencia pueda ser trabajada. Sin embargo, el funcionamiento del análisis también dependerá de los recursos que el analizado dispone frente a las interpretaciones del analista. La formación en psicoanálisis, es la formación de una escucha que se lleva a cabo a través de la propagación de la teoría en el curso del análisis personal del analista, su trabajo como analista y con el auxilio de la supervisión.

Palabras clave: escucha analítica, transferencia, *acting out*

Developing a psychoanalytic listening

Abstract: Using a clinical vignette, the author attempts to demonstrate the importance of developing a psychoanalytic listening, which is the most important part of the psychoanalytic training and enables the analyst to build clinical reasoning. It is the lack of an attuned listening what prevents listening to the unconscious in a receptive way. However, when this listening is hindered, it may often lead to ruptures in the psychoanalytic process. It is not enough for the analyst to be just a content who doesn't discern what the patient tells him, what makes the patient a hostage, what is being transferred and "put in motion" by the patient in the analytic scene. That is, the complexity of this path demands an analyst's sensitivity to recognize places he was invested with by the patient in order to enable the transference to be elaborated. Nonetheless, the psychoanalytic process (and result) will also depend on analyst's resources when considering analyst's interpretations. Psychoanalytic training is the development of listening that happens by spreading a theory during the personal analysis of the psychoanalyst, his work of analyzing, and in the supervision aid.

Keywords: psychoanalytic listening, transference, acting

Le développement d'une écoute analytique

Résumé: Ce travail-ci a pour but de démontrer, au moyen d'une illustration clinique, l'importance du développement de l'écoute analytique, la partie la plus importante dans la formation d'un analyste, et qui permet la construction de la pensée clinique. C'est l'absence d'une écoute affinée qui empêche l'écoute réceptive de l'inconscient. Parfois, lorsque cette écoute se trouve suspendue, il peut arriver des ruptures dans le processus d'analyse. Il ne suffit pas que l'analyste soit continen sans discerner ce que le patient lui apprend, de ce qu'il est l'otage, ce qui est en train d'être transféré et mis en mouvement sur la scène analytique. Autrement dit, dans la complexité de cette voie, il est fondamental d'être sensible pour reconnaître les lieux qui lui sont investis par le patient pour que le transfert puisse être travaillé. Néanmoins, le fonctionnement de l'analyse va aussi dépendre des ressources desquelles l'analysant dispose en face des interprétations de l'analyste. La formation en psychanalyse est la formation d'une écoute qui s'accompli par le moyen de la propagation de la théorie au cours de l'analyse personnelle de l'analyste, son travail d'analyser et dans l'aide de la supervision.

Mots-clés: écoute analytique, transfert, actuation

Referências

- Caper, R. (2002). *Tendo mente própria: uma visão kleiniana do self e do objeto*. Rio de Janeiro: Imago.
- Etchegoyen, R. H. (2004). *Fundamentos da técnica psicanalítica* (F. Frank Settineri, trad., 2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1974a). O inconsciente e a consciência – realidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 5, pp. 648-660). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1974b). Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp. 115-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901-1905)
- Herrmann, F. (2003). *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação: teoria dos campos* (3ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Minerbo, M. (2012). *Transferência e contratransferência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Minerbo, M. (2013). Transferência: diálogo com um jovem colega. *Jornal de Psicanálise*, 46 (85), 167-182.
- Minerbo, M. (2014). Pensamento clínico: diálogo com um jovem colega. *Jornal de Psicanálise*, 47 (87), 215-230.

Mariangela Carvalho Canellas Silva
mc.canellas@gmail.com

Recebido em: 10/9/2016

Aceito em: 14/9/2016